ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE CIÊNCIAS, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO SUPERIOR DO ESTADO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

# "TÚMULO, TÚMULO, TÚMULO": O PATERNALISMO NO CONTO DE MÁRIO DE ANDRADE

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
RG Nº 9507
Data 14/08/03

PONTES E LACERDA, DEZEMBRO DE 2002

Turma - 2002/2

RAIMUNDO MARCELO SALVADOR

# "TÚMULO, TÚMULO, TÚMULO": O PATERNALISMO NO CONTO DE MÁRIO DE ANDRADE

Ensaio Monográfico apresentado à UNEMAT- Campus Universitário de Pontes e Lacerda como requisito final para a obtenção do grau de licenciado em Letras.

Orientadora: Profª. Ms. Marinei Almeida Lima

PONTES E LACERDA, DEZEMBRO DE 2002

À minha família, em especial à minha esposa Zilá e também a meus filhos Fabricio, Fabíula e Evandro pela compreensão incentivo e principalmente pelo apoio recebido durante o período de minha graduação no curso de Letras.

**AGRADECIMENTOS**

À meus pais Espiridião e Ana (In: memorian) pela luta e pela grande vontade que os mesmos tiveram em ver-me formado, com certeza este é o momento de dizer-lhes: Muito Obrigado.

À meus irmãos, e as minhas cunhadas pelo grande incentivo moral que me deram .

Quero parabenizar meus amigos Celso e Sueli, que juntos formamos a turma do fundão e fizemos daquele um lugar de respeito: Obrigado pela amizade!

.

Estendo também os agradecimentos a meus amigos de turma: A todos vocês que por vários momentos também mostraram o quanto podem ser bons companheiros

Á minha professora e orientadora Marinei que conheci antes de ingressar na faculdade: A você quero externar a minha gratidão e amizade e dizer que você estava certa, a luta é grande mas com esforço podemos vencê-la. Muito obrigado!

A todos os docentes que durante esses quatros anos estiveram conosco: Todos vocês foram muito importantes nesta caminhada. Obrigado!

"É gente humilde
Que vontade de chorar..."

Chico Buarque

## Sumário:

Apresentação:.....7

1. O Modernismo no Brasil:..... 9

1.1. Semana de Arte Moderna:..... 17

2. Paternalismo: Uma relação de amizade?:..... 22

3. Considerações Finais:..... 34

Bibliografia:..... 37

Anexo:.....39

## APRESENTAÇÃO

A escolha do título - "Túmulo, túmulo, túmulo, o paternalismo no conto de Mário de Andrade" para esse Ensaio Monográfico se deu devido às várias leituras para a realizações de trabalhos acadêmicos no decorrer do curso de graduação. Com isso foi possível observar que características do paternalismo apareciam em várias obras. Este fato trouxe-nos a vontade de fazer um estudo mais aprofundado do tema. Porém esta mesma vontade esbarrou a princípio em um pequeno detalhe: Que obra estudar? Qual o período literário? Qual autor?.

Depois de pesquisar algumas obras decidimos, então, trabalhar um conto de Mário de Andrade, intitulado "Túmulo, Túmulo, Túmulo", publicado em 1927 na obra *Os Contos de Belazarte*. Decisão esta tomada com a ajuda de minha orientadora.

A justificativa de nossa pesquisa em trabalhar a questão do paternalismo em um conto é trazer mais dados sobre um assunto que não é muito discutido pelos críticos de nossa literatura. Porque paternalismo? Por ser um sistema regido pela autoridade paterna e patriarcal. E sabemos que toda autoridade baseia-se numa relação de poder. Algo tão comum que quando estamos lendo quase nunca atentamos para a questão do paternalismo ou mesmo do patriarcalismo. Muitas obras da Literatura Brasileira trazem algumas personagens ou situações com essas características. A nossa proposta é dividir este Ensaio Monográfico em dois capítulos, sendo que o primeiro capítulo será subdividido em duas partes e abordaremos o movimento modernista entre a Segunda metade década de 10 a década de 20. Bem como suas relações com o momento sociocultural e político daquele momento histórico.

No segundo capítulo discorremos sobre a questão do paternalismo, e observaremos também a relação de amizade entre patrão e empregado.

No último capítulo, segue as Considerações Finais.

Em seguida a Bibliografia. E, por fim o anexo, que inclui o conto "Túmulo, túmulo, túmulo", de Mário de Andrade, com o intuito de trazer informações precisas ao leitor sobre o referido conto.

## 1. O MODERNISMO NO BRASIL

Como ponto de partida para uma discussão teórica sobre o paternalismo no conto "Túmulo, túmulo, túmulo", de Mário de Andrade, pensamos que faz-se necessário discorrer sobre o Movimento histórico, literário modernista no Brasil. Faremos, então uma retrospectiva sobre este Movimento bem como sobre o que acontecia naquele momento histórico, político e literário.

O surgimento do Modernismo no Brasil dá-se com o regresso de Oswald de Andrade, da Europa em 1912, dè onde o mesmo traz conhecimentos sobre o "Futurismo", do qual tivera notícia, no velho continente europeu, através do Manifesto Futurista, de Martinetti. era um movimento que pregava o rompimento com o academismo e exaltava as palavras de liberdade. Fatos como a atitude rebelde do italiano Martinetti e a coroação de Paul Fort, como o príncipe dos poetas franceses ocorrida em Lapin Agile, mexeram com as idéias do jovem brasileiro Osvald, mesmo porque, vinham ao encontro com uma deficiência sua "a incapacidade de metrificar." que precisava transformar em virtude, e segundo Afrânio Coutinho.

> "O príncipe dos poetas foi o mais formidável desmantelador da métrica de que há notícia, e apesar de jamais ter escrito quadrinhas e nem sonetos, não constituem obstáculos à sua coroação e nem ao elogioso pronunciamento dos seus contemporâneos."[1]

Nesse ano, de 1912, é que, inspirado pelas sugestões que a Europa lhe propusera Oswald de Andrade compõe um poema de versos livres e que o original acaba-se perdido ou jogado fora devido aos aborrecimentos que provocara, este tinha o título de "Último passeio

---

[1] COUTINHO, Afrânio. " A Era Moderna" In: *A Literatura no Brasil*, 4. ed. São Paulo: Global, 1997, p. 4

de um tuberculoso pela cidade de bonde", trata-se de um poema descritivo de inspiração urbana, mais lírico que romântico, segundo Afrânio Coutinho, "quando (Oswald ) mostrava furtiva e acanhadamente aos amigos, era pretexto para zombarias. Ao lerem-no ou ouvi-lo, perguntavam invariavelmente pela métrica e pela rima".[2]

A vontade de atualizar as letras nacionais era grande, apesar que, para tanto, era preciso importar idéias nascidas em centros culturais mais avançados. Isto não implicava uma renegação do sentimento brasileiro, afinal o que Oswald de Andrade aspirava, a princípio sozinho depois em companhia de outros artistas e intelectuais, era tão somente a aplicação de novos processos artísticos e novas coordenadas estéticas já abertas pela nova era. O Brasil avançava materialmente, aproveitava dos benefícios da civilização moderna, mas na cultura e produção literária ainda estava preso ao passado, aos mitos do bem-dizer e das dificuldades formais.

Aos poucos foram acontecendo fatos que depois se encaixavam sob o ângulo histórico na trajetória que desencadeou o movimento modernista. Em São Paulo é realizada a primeira exposição de pintura não acadêmica no Brasil a 2 de março de 1913. Fato este que não provocou nenhuma reação no ambiente conservador. Era Lazar Sagall que exibia seus quadros expressionistas. E segundo Mário de Andrade era "por demais prematura para que a arte brasileira, então em plena unanimidade acadêmica, se fecundasse com ela".[3]

Depois é Anita Malfaltti que regressando da Europa, expõe seus trabalhos, que reúne antes estudos de pintura que quadros realizados. Isto ocorre em maio de 1914 quando Anita chega de Berlim, onde estudara durante 2 anos, e segundo jornais da época, a amostra revelava forte influência da moderna escola alemã, a qual levou as últimas conseqüências o impressionismo em arte pictórica.

---

[2] COUTINHO, Afrânio. Op. Cit. p.4

[3]- ANDRADE, Mário de. "Prefácio do Catálogo da Exposição promovida pelo Ministério da Educação" (In: *Revista Acadêmica*, Rio de Janeiro, n.º 64, ano X, junho 1944. Homenagem a Lasar Segall).

E seguida Anita Malfatti parte para os Estados Unidos para freqüentar a escola de Homer Boss, e é nesse período que entra em contato com os refugiados russos, intelectuais e artistas franceses levados ao "novo mundo" pela guerra européia.

> Os refugiados e os europeus "só falavam no Cubismo", e as primeiras experiências de Anita neste sentido são realizadas, o primeiro nu cubista norte americano pintado por Boylisson e o primeiro nu cubista brasileiro pintado por Anita Malfatti.[4]

Em 1915 as palavras "Futurismo" e "futurista", de grande circulação pelo mundo, já assinalavam sua presença no Brasil no conservador jornal *O Estado de São Paulo.* O colaborador italiano, Ernesto Bentarelli, analisando as "lições do Futurismo", que estavam em face de "um movimento lógico e benéfico." Oswald de Andrade, estava a frente da polêmica revista *O Pirralho,* na qual ele se pronunciava em prol de uma pintura nacional. Um ano depois sabe-se por carta de Monteiro Lobato a Godofredo Rangel que Oswald de Andrade andava divulgando pelas páginas da revista *Vida Moderna* alguma colaboração "futurista". E esta palavra "futurismo" chega a ecoar na Academia Brasileira de Letras através de Alberto de Oliveira, que recebendo nesta oportunidade na Academia Goulart de Andrade, representante do Parnasianismo, o qual sendo ele um dos que produziu o movimento do Parnasianismo, não renovando-o ou mesmo acrescentado-o, em nada. Em alguns trechos do seu discurso o orador Alberto de Oliveira, usa como se fosse epitáfios ao parnasianismo, como quando Alberto de Oliveira diz ao poeta Goulart, o qual é homenageado a seguinte frase: "Assim como por vossas mãos vieram até nós antigas formas literárias, virão amanhã as novas idéias de um novo período social".[5]

É porém em 1917, que ocorre fatos marcantes que iriam culminar com a Semana de Arte Moderna. em 21 de Novembro desse ano dá-se a aproximação de Oswald e Mário de

---

[4] COUTINHO, Afrânio. Op, Cit. 1994. p. 6

Andrade. Neste dia o secretário de justiça de São Paulo Elói Chaves estava proferindo uma conferência patriótica em prol de uma participação do Brasil na guerra no conservatório em que Mário de Andrade era professor. Este saudou Elói com um discurso curto, "O Brasil na guerra", que pareceu a Oswald uma revelação de um talento literário. Oswald, que na ocasião se fazia presente como repórter do *Jornal do Commércio*, chegou a brigar para obter o original do discurso de Mário, o qual publicou na íntegra no dia seguinte. A partir de então os dois tornaram-se amigos quase inseparáveis. Freqüentavam-se constantemente e passaram a discutir as suas inquietações artísticas trocando idéias sobre a vida cultural do país. Aos poucos vão juntando ideais e sonhos e juntos chegaram à lutar pela renovação das letras e da arte brasileira.

É nesse mesmo ano que Mário de Andrade, com o pseudônimo de Mário Sobral, publica seu primeiro livro de versos *Há uma gota de sangue em cada poema*, que praticamente não chamou a atenção da crítica, somente um trecho do poema "inverno" chama a atenção de Oswald de Andrade, na parte onde uma rima[6] apontada como exagero, que interessou a Oswald. Essa inusitada e agressiva rima de Mário de Andrade surgia aos olhos do primeiro como uma confirmação às suas próprias frustradas tendências inovadoras. Segundo Alfredo Bosi, quando Manoel Bandeira os leu achou-os " ruins, mas de um ruim esquisito".[7] "Uma ousadia léxica, que faria esperar uma concepção moderna de arte."[8]

Está obra foi publicada no período que podemos chamar de pré modernismo se é que existiu tal período, porque para alguns críticos o que houve foi obras com características modernistas, como essa de Mário de Andrade que trouxe "uma ousadia léxica" vista como uma nova concepção de arte literária.

---

[5] - Discursos Acadêmicos. Vol. III: 1914-1918. Rio de Janeiro, 1935. p. 115

[6] - O poema "inverno" In: *Há uma gota de sangue em cada poema.* de Mário de Andrade, traz a rima " tempestuou com uou".

[7] BOSI, Alfredo. "Modernismo: um clima estético e psicológico". In: *História Concisa da Literatura Brasileira*, 3. ed. São Paulo: cultrix, 1993, p. 378

[8] Idem. p. 378

Vários outros escritores vão desfilando suas obras com a presença de um espírito novo, como por exemplo: *As cinzas das horas,* de Manoel Bandeira; *Nós,* de Guilherme de Almeida; *Evangelho pã,* de Cassiano Ricardo, esta última obra parnasiana no entanto o referido autor já publicara outra obra, em 1915, com versos heterométricos, próximo do verso livre. Nesta hora de transição esperava-se por algo novo que ainda não se sabia bem o que era, mas estava claro que o que havia de produção já não satisfazia e parecia superado. .

O principal acontecimento artístico de 1917, do qual partiria a jornada rebelde de 22, é a exposição de Anita Malfatti, inaugurada em 12 de dezembro e que coloca a autora diante do público e da crítica. São ao todo 53 trabalhos que vêm mostrando os vários anos de seus estudos na Alemanha e também na América (Estados Unidos). São os resultados da experiência artística e humana. Causam estranheza e é natural que isso tivesse ocorrido, pois tratava-se de trabalhos artísticos diferentes dos da época. São novidades e os jornais anunciavam que a pintora cultivava uma arte nova e que já estava sendo cultivada na Europa. Mas a crítica mais feroz foi feita por Monteiro Lobato com um artigo "Paranóia ou Mistificação ?" que é publicado a 20 de dezembro no jornal *O Estado de São Paulo*, em sua edição noturna. Lobato faz uma crítica sem fundamentação, porque até esse momento era um antimodernista e contrário a todas as correntes estéticas do século XX.

Este fato faz com que a artista sofra ofensas com a devolução de alguns quadros já vendidos, mas por outro lado fez também com que os artistas e intelectuais insatisfeitos da época se juntassem em torno dela, transformando-a em uma das líderes do movimento modernista. Oswald de Andrade chega a defendê-la em artigos refutando os conceitos de Lobato.

Em 1919 Victor Brecheret, que retorna ao Brasil depois de estudar escultura em Roma, acaba por instalar-se nos altos do palácio das indústrias. Neste lugar o mesmo é visitado por vários artistas e escritores. Todos se deslumbram com o que vêem. Mário de

Andrade vai com Lobato visitar o artista. Lobato que não aceitou os trabalhos de Anita Malfatti agora elogia os de Brecheret. O escultor representa para os modernistas a primeira vitória da causa e do espírito renovador e por todo o ano de 1920, Victor Brecheret era defendido e elogiado quando alguém o atacava.

Os modernistas em 1920 estão arregimentados e organizados. O grupo já era bem grande e reúne-se em vários lugares para discutir as novas tendências daquele momento. Neste ano, que Mário de Andrade escreve *Paulicéia desvairada*, poesia que o mesmo lia nos encontros com os modernistas. Os mais intusiasmados com a nova arte e os que mais a defendem são Oswald de Andrade e Menotti Del Picchia, os quais estavam constantemente nos jornais divulgando-a através de artigos.

A 9 de Janeiro de 1921, Oswald de Andrade, por ocasião de um banquete oferecido a Menotti Del Picchia e onde estavam reunidos políticos e escritores da velha guarda, profere um discurso de louvor a Menotti Del Picchia, mas somente em parte porque na verdade o que ele fez foi falar daqueles que eram contra a renovação das artes e letras. Foi um ataque no campo do adversário e uma defesa aos modernistas cultivadores da nova arte que estavam presentes. Se a Oswald competiu a declaração pública, a Menotti Del Picchia caberia mostrar as diferenças doutrinárias e estéticas dos dois grupos - o embasamento da ação modernista. Estão estabelecidas no artigo "Na maré das reformas" publicado no *Correio Paulistano,* a 24 de Janeiro de 1921. Alguns trechos são citado por Afrânio Coutinho, os quais falam que:

a) O rompimento com o passado, ou seja a repulsa às concepções romanticas, parnasianas e realistas.
b) A independência mental brasileira, abandonando-se as sugestões européias principalmente as lusitanas e gaulesas.
c) Uma nova técnica para a representação da vida em vista de que os processos antigos ou conhecidos não apreendem mais os problemas contemporâneos.
d) Outra expressão verbal para a criação literária, que não é mais a mera transcrição artística para o plano da arte das realidades vitais.

e) Finalmente a reação ao statu quo o combate em favor dos postulados que apresentava objetivos da desejada reforma. [9]

Toda a doutrinação reformista, efetifada em 1921, precede a preparação da Semana de Arte Moderna, apoiando-se nesse artigo. Depois foi acrescido de alguns novos itens e que encontram-se explanados em artigos de Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia, Cândido Mota Filho, Agenor Barbosa e Mário de Andrade - os mais ativos polemistas daquela época, os quais fizeram um combate ao Romantismo ao Realismo e ao Parnasianismo à rima à métrica etc., poupando em partes apenas o Simbolismo.

Estes desbravadores da nova estética divulgavam várias obras, versos, poemas e artigos, tanto de artistas brasileiros como de artistas estrangeiros. Um dos artigos mais polêmico da época foi o de Oswald de Andrade, intitulado "O meu poeta futurista" o qual envolveu Mário de Andrade e a literatura moderna. Artigo este que fez com que Mário sofresse vexames parecidos com os já vividos por Anita Malfatti. O professor perde alunos, pois nele se vê um cabotino, um maluco.

Se por um lado o artigo constrangeu Mário de Andrade, por outro acabou ajudou-o a acabar com sua timidez e obrigando o mesmo a aceitar um posto de comando na "rebelião modernista", o qual foi aceito pelos companheiros como líder, tendo em vista ser considerado o mais culto e leitor de europeus modernos, além de discutidor de estéticas, etc.

Outro fato marcante do ano de 1921 foi uma série de artigos publicados por Mário de Andrade com o título de "Mestres do passado". Trata-se de sete estudos sobre teoria literária nos quais ele criticava o Parnasianismo, representado por Francisca Júlia, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac e Vicente de Carvalho. Poetas esses que foram muito respeitados nos meios cultos e por isso pode-se imaginar a polêmica causada por esses escritores representantes dos padrões ideais, os quais, segundo o pensamento deles, seus

[9] COUTINHO Afrânio. Op. Cit. p. 13

escritos só podendo ser imitados ,ou igualados, mas jamais superados, não poderiam jamais sofrer restrições ou reparos. No entanto Mário de Andrade surgiu como um novo escritor que aceitava os poetas, anteriormente citados, como mestres mas que também os consideravam defuntos, "poetas de missão cumprida", e que nada mais poderiam oferecer as gerações mais novas. O artigo "Mestres do passado"[10] *e* a obra *Paulicéia Desvairada*, representam dois momentos históricos importantíssimos na crítica brasileira, na poesia e nas letras nacionais.

Em 1921, Graça Aranha retorna para o Brasil, vindo da Europa em outubro deste ano. Logo entrou em contato com os modernistas, no entanto o "movimento já estava em plena impulsão," [11] como diz Manoel Bandeira. O movimento já estava totalmente estruturado, mas é preciso não esquecer que já em 1920 Oswald de Andrade anunciava para 1922 uma ação dos "novos" que fizesse valer o nosso centenário da Independência. Essa oportunidade surgiria com a idéia da "Semana de Arte Moderna", na Qual Graça Aranha empenhou a importância de seu nome para o êxito daquela investida da juventude intelectual. Outra etapa da história cultural brasileira estava para ser inaugurada.

---

[10] "Mestres do Passado" é uma série de seis artigos nos quais Mário de Andrade, faz ataques aos escritores do parnasianismo que do seu ponto de vista não estão mais trazendo nenhuma inovação por isso ele os chama de "defuntos" poetas mortos.

[11] BANDEIRA, Manoel. *Intinerário de Pasárgada*. Rio de Janeiro, Ed. Jornal de Letras, 1954. p. 67

## 1.1. "SEMANA DE ARTE MODERNA"

Segundo Alfredo Bosi, assim é que o mais abalizado historiador da "semana de Arte Moderna" narra o evento:

> Finalmente, a 29 de Janeiro de 1922, o jornal O Estado de São Paulo noticiava: "por iniciativa do festejado escritor Sr. Graça Aranha, da academia brasileira de letras, haverá em São Paulo, uma semana de arte moderna, em que tomarão parte os artistas, que em nosso meio representam as mais modernas correntes artísticas, e esclarecia também que o teatro Municipal ficaria aberto durante a semana de 11 a 18 de Fevereiro, instalando-se nele uma interessante exposição".[12]

*A Semana de Arte Moderna* vinha coroar todo o longo esforço renovador que há anos estava em processo. Foi realizada, enfim, a separação entre os campos literários e artísticos não alcançada pelo "Banquete do Trianon,"[13] em que Osvald de Andrade saudara Menotti del Picchia. "A Semana de Arte Moderna" estabeleceu um divisor de águas, acentuando a diferença de mentalidades entre "passadistas" e "futuristas".

Enfim neste ano de 1922 Mário de Andrade publica *Paulicéia Desvairada*, obra essa que encaminhou o Modernismo, que além dos versos originais e novos, inclui o "Prefácio Interessantíssimo", que era um verdadeiro manifesto contra as reformas estereotipadas do Parnasianismo e Simbolismo e a favor de novas formas literárias que pudessem exprimir os novos tempos.

No "Prefácio Interessantíssimo," Mário de Andrade faz uma introdução aos seus

---

[12] BOSI, Alfredo. Op. Cit, p. 381

[13] Banquete de Trianon, trata-se de um jantar oferecido em homenagem a Menotti Del Picchia, no qual Oswald de Andrade, faz um discurso em louvor de Menotti, mas apenas em parte já que o que ele faz mesmo é falar

versos inspirados em Verhaeren, Palazzeschi, Blaise Cendrars e Guilherme Appollinaire:

o teórico afirma que:

> "Quando sinto a impulsão lírica escrevo sem pensar tudo o que meu inconsciente me grita. Penso depois, não só para corrigir, como para justificar o que escrevi.(...) A inspiração é fugaz, violenta. Qualquer empecilho a perturba e mesmo emudece. Arte que, somada a lirismo, da poesia não consiste em prejudicar a doida carreira do estado lírico para avisa-lo das pedras e cercas de arame do caminho. Deixe que tropece, caia, e se fira. Arte é moldar mais tarde o poema de repetição fastientas, de pormenores inúteis ou inexpressivos."[14]

O livro canta São Paulo, com seu ar pitoresco, seus vícios, vaidade e população de sangue misturado. Satiriza a burguesia e os políticos, assimila a presença do povo, das fábricas, enfim, anota em versos tudo que fere a aristocracia e o tradicionalismo. Como podemos ver neste pequeno verso:

> Heróico sucessor da raça heril dos bandeirantes
> Passa galhardo um filho de imigrante
> Loiramente domando um automóvel. [15]

Esse foi um período de euforia. O mundo estava radiante ante as proezas da técnica moderna, acompanhava entusiasmado as aventuras aéreas, em que pilotos heróicos batiam recordes de travessias pelo espaço e realizavam-se no plano da velocidade. As fileiras dos fascistas e comunistas que se engrossavam por toda a parte, e mesmo a miséria material e

---

daqueles que são contra a renovação das artes e das letras, pois neste dia estavam presentes políticos e escritores da velha guarda.

[14] ANDRADE, Mário de. Op. Cit. pp. 8, 15, 16.

[15] Idem, p. 79

a moral que se abateu sobre a Áustria e a Alemanha não foram suficientes para abalar confiança depositada na nova era - a da arte moderna.

No Brasil e em Portugal o Modernismo é um movimento pós I guerra Mundial, nascido da reação contra a decadência parnasiana, sob a influência dos "ismos" europeus das duas primeiras décadas do século XX. No Brasil o movimento foi designado como futurismo, mas a partir da "Semana da Arte Moderna", em fevereiro de 1922, passou a ser batizado como Modernismo e modernistas seus adeptos.

O Modernismo no Brasil acontece durante a República Velha, durante o comando de Getúlio Vargas. Neste período acontece também a Revolução de 30, e Getúlio continua no poder até 1945, fazendo a cultura passar por uma democratização, mas sob uma política da chamada "ditadura de Vargas". Com o objetivo de estimular a população a aceitar os valores oficiais ele corrompia o povo oferecendo-lhe cargos públicos com a intenção de deixar o povo sem senso crítico de inovação. A "quebra" da bolsa de valores de Nova Iorque é um fato que também abalou o mundo inteiro. Em 1945 a ONU declara o fim da Segunda Guerra Mundial e declara os direitos do homem. Com isso começam os questionamentos sobre o ser humano e sua existência, os fatores psicológicos do homem. Época esta que foi um marco da história com grandes transformações e ideais políticos junto ao desenvolvimento da indústria, da tecnologia em todos os aspectos culturais, econômicos e psicológicos.

O grande destaque da "Semana da Arte Moderna" no Brasil foi Mário de Andrade, um dos escritores mais multiforme da Literatura Brasileira. Cultivador de praticamente todos os gêneros. Foi poeta, romancista, ensaísta, contista, crítico literário e de arte, musicólogo e folclorista. Mário preocupava-se com a valorização dos novos escritores e artistas. Desejava um Brasil de origens brasileiras, criando um novo estilo e abandonando o tradicional, gerando uma cultura nova. Com uma nova estética que renovava a mentalidade nacional.

> "Faz-se jus à complexidade semântica e artística daquelas obras fundamentais do Modernismo. Nelas figurou-se a maior riqueza de motivos e de formas que a consciência do homem poético de 22 pôde engendrar. Nelas estilizou-se a indefinição do caráter nacional; indefinição necessariamente instável e prestes a coagular-se em variantes do mesmo caráter, ora cúpido, ora triste, ora cordial, ora malandro. Nelas parodiaram-se os resíduos de vernaculismo que persistiam na velha República Brasileira de Letras. Daí a sua polissemia e , ao mesmo tempo, a sua mais densa historicidade"[16]

Para Mário de Andrade, escrever arte moderna não significa representar a vida atual no que tem de exterior: automóveis, cinema, asfalto, mas exprimir o espírito moderno, ainda que por meio de temas antigos ou eternos. Temas esses que de fato, desapareceriam quase por completo no período de ruptura. Temas esses palavras freqüentam a sua obra mas não é porque ele pensou escrever moderno com elas, mas porque sendo seu livro moderno elas tem razão de ser. Ele não quis tentar primitivismo vesgo e insincero, eles eram na realidade os primitivos duma nova era. E segundo Mário: "O espírito modernista reconheceu que se vivíamos já de nossa realidade brasileira, carecia reverificar nosso instrumento de trabalho para que nos expressássemos com identidade"[17]

Talvez o que mais caracterize Mário de Andrade como escritor seja o seu permanente espírito crítico, o que se manifesta não só na análise de obras alheias, mas também na sua própria obra artística, numa constante autocrítica e experimentação de processos. O constante revisionismo a que não falta um certo cabotinismo. Mário confessa que se delicia quando alguém entende a parte nova dele e que seus livros contém. ele defende a necessidade do conhecimento profundo da língua que vai servir de instrumento de expressão ao escritor. Para ele "só tem o direito de errar quem conhece o certo. Só então o erro deixa de o ser, para se tornar um ir além das convenções, tornadas inúteis pela exigências novas de uma nova

---

[16] -BOSI Alfredo. Op. Cit. p. 401

[17] - ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura Brasileira.* São Paulo: 1974, p. 244

expressão."[18] Acusado de prejudicar a virilidade enérgica de certas dicções, lembra que traz, em compensação "uma sonoridade mais familiar, um ritmo mais dengoso e balançado, que é bem jeito brasileiro desta nossa raça misturada do índio deslizante e do negro dançador."[19]

Mário fundou, inicialmente o desvairismo com a publicação de *Paulicéia Desvairada* (1922) ,cujo "Prefácio Interessantíssimo" era um verdadeiro manifesto contra as reformas estereotipadas do Parnasianismo e Simbolismo e a favor de novas formas literárias que pudessem exprimir os novos tempos.

Segundo Mário a arte no Brasil necessitava de mudanças, então porque não fazê-las ? Esta arte nova não precisava seguir nenhum modelo existente, o Brasil já era auto suficiente e por isso tinha que caminhar sozinho, independente da doutrina européia, pois segundo Mário até então era o que acontecia, o Brasil copiava todos os movimentos literários do velho continente. Com o advento da "Semana da Arte Moderna", e com o Modernismo nossos escritores e artistas buscaram essa nova mudança, um novo jeito de encarar a arte e as letras, e juntos conseguiram um novo status para a Literatura Brasileira.

---

[18] -ANDRADE, Mário de. Apud: COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil.* 4. Ed. São Paulo: Global, 1997. p. 25

[19] ANDRADE, Op. Cit. p.27

## 2. PATERNALISMO: UMA RELAÇÃO DE AMIZADE?

Ao iniciarmos esta discussão a respeito do paternalismo faz-se necessário discorrermos sua definição. E esta é uma entre outras definições que aparece nos dicionários de Língua Portuguesa

> "Paternalismo: regime baseado na autoridade paterna, sistema de relações entre o chefe e os seus subordinados segundo uma concepção patriarcal ou paterna da autoridade, em política, tendência a dissimular o excesso de autoridade sob a forma de proteção".[20]

O sistema patriarcal aparece sob várias formas no Brasil, primeiro aparece nos engenhos de açúcar, onde os escravos trabalhavam em favor do patrão, seu dono e senhor. Este tinha também capatazes para cuidar dos negros no trabalho. Depois foi a vez das grandes fazendas de café na qual existia o proprietário e os colonos, também chamados de meeiros, que trabalhavam o ano todo e no final da safra dividia a produção com o patrão. A seguir surge os grandes latifundiários com suas fazendas de gado e por fim os grandes industriais, todos de alguma forma acaba se constituindo num patriarca.

Neste capítulo nos limitaremos a falar do paternalismo, que em certos aspectos também deriva do patriarcalismo instaurado na figura do patrão ou senhor. Segundo Gilberto Freire, "a sociedade colonial no Brasil,(...) desenvolveu-se patriarcal e aristocraticamente à sombra das grandes plantações de açúcar, não em grupos a esmo e instáveis; em casas-grandes de taipa ou de pedra e cal, não em palhoças de aventureiros."[21] O patriarca acaba sendo o suporte da família, pois é ele que decide o que é melhor para todos e na maioria das

---

[20] *Dicionário Compacto da Língua Portuguesa. / Coordenação Ubiratan Rosa; equipe de atualização e revisão Ana Tereza Pinto de Oliveira, Irene Catarina nigro. 1.ed. São Paulo: Rideel, 1993.*

[21] FREIRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala.* 30 ed. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 17

sendo o suporte da família, pois é ele que decide o que é melhor para todos e na maioria das vezes não consulta ninguém. Suas decisões devem ser sempre obedecidas, não podendo ser contestadas.

O senhor patriarcal é "aquele que sabe as coisas", ou seja aquele que manda. O poder de mando do senhor sobre seu subordinado começa provavelmente no império romano, "o escravo púbere escolhido para companheiro do menino aristocrata: espécie de vítima, ao mesmo tempo que camarada de brinquedo".[22] No Brasil o filho do senhor de engenho também teve seu moleque leva-pancada, o qual servia de companheiro de brincadeiras e também servia para ser chicoteado no lugar do menino branco quando este desobedecia seus pais, além de servir como objeto na iniciação sexual do filho do senhor. Gilberto Freire comenta que:

> "O sadismo do senhor de engenho(...), é precedido pelo[sadismo do menino] para [com] o moleque. Através da submissão do moleque, seu companheiro de brinquedos e expressivamente chamado leva-pancadas, iniciou-se muitas vezes o menino branco no amor físico".[23]

Este menino quando homem, mantinha consigo esta vontade de mandar e de ser obedecido. É o sadismo do branco poderoso que manda e quer ser obedecido, essa dualidade se manteve e se mantém até hoje devido a herança deixada para nós pôr meios de nossos antepassados brancos ou negros em que uns mandavam e outros obedeciam. Segundo Freire o resultado é: "Da ação persistente desse, de conquistador sobre conquistado, de senhor sobre escravo, parece-nos o fato, ligado naturalmente à circunstância econômica da nossa formação patriarcal."[24] Este fator se mantém quase que inalterado até os dias de hoje, no Brasil. Isto está presente principalmente na política e nas forças armadas. Dois lugares onde se mantém a

---

[22] - FREIRE, 1997, Op. Cit, p. 50
[23] - Idem. p. 50
[24] - Idem, p. 51

hierarquia de poder, aqui não se manifesta somente a questão de classes sociais, mas a também a de autoridade.

No conto "Túmulo, túmulo, túmulo", pode ser observado, na relação entre Belazarte e Ellis o encontro de duas classes socias totalmente distintas. Enquanto uma é alfabetizada a outra é analfabeta, como podemos perceber quando Belazarte numa alusão de sabedoria diz: "Eu sabia as coisas", querendo dizer com essa afirmação que Ellis não sabia nada.

Entre outros fatores, uma das coisas que mais chama a nossa atenção é a questão do paternalismo, inscrito na simples história que Belazarte narra sobre si e sobre Ellis - seu empregado negro.

História que agora relataremos resumidamente para uma melhor compreensão dos fatos:

O conto "Túmulo, túmulo, túmulo" escrito por Mário de Andrade e narrado por Belazarte traz em seu enredo a história de Belazarte e Ellis, seu empregado negro. Belazarte faz uma retrospectiva desta história, e começa dizendo: "Caso triste foi o que se sucedeu lá em casa mesmo". A partir desta fala o narrador vai falando de sua vontade de ter um criado para servi-lo, um criado que fosse só seu, mas o mesmo tinha que ser preto e brasileiro. Em uma viagem de bonde Belazarte conhece um negro que ao conversar com o mesmo acaba por contratá-lo. O nome do criado contratado por Belazarte é Ellis.

Deste ponto em diante Belazarte passa a elogiar Ellis como sendo um exemplar da raça negra, com uma pele lisa, um cabelo pixaim fininho cortado baixo, beiços pequenos só que tudo negro, de branco só mesmo o sorriso.

Segundo Belazarte seu criado não foi muito bom, mas era de uma dedicação a toda prova, discreto sincero e sobretudo amigo. Quando este fazia algo que desagradava o patrão Ellis ficava rondando Belazarte até fazer algo que o agradasse.

Corria tudo bem até Ellis dizer ao patrão que queria mesmo era ser chofer, fato que desagradou-o muitíssimo causando com isso a primeira crise de ciúmes do patrão em relação ao empregado, pois Belazarte desejava que Ellis só pensasse em servi-lo e ser somente seu criado.

A Segunda crise veio quando Ellis comunicou a Belazarte seu desejo de casar-se e sair de suas ordens, pois precisava ganhar mais. Neste momento Belazarte comenta que a atitude de Ellis gostar mais de outra pessoa do que dele o deixava infeliz. No entanto Ellis o convida para padrinho de casamento e Belazarte aceita. Depois do casamento de Ellis e Dora Belazarte faz uma descrição de Dora elogiando toda a formosura da noiva de seu criado como sendo uma "tizia" de beleza ímpar.

Após o casamento, Ellis se afasta do patrão e Belazarte passa vários meses sem notícias do mesmo, até que um dia ao descer de seu quarto para tomar café encontra Ellis trabalhando novamente em sua casa, só que agora como faxineiro. Depois disso a narração de Belazarte encaminha-se para um relato da amizade dos dois, fato este de bastante destaque dentro do conto narrado apenas por Belazarte, que destaca também o início da doença de Ellis. Em seguida Dora tem um filho, depois disso ela adoece e morre em seguida. Depois da morte de Dora, Belazarte faz uma narração bastante bonita a respeito de sua amizade por Ellis.

Pouco tempo depois é o filho de Ellis quem morre e ele nem pôde cuidar do velório do pequeno, já que neste dia Ellis está passava muito mal. Depois Em seguida Ellis descobre que está com tuberculose e passa a viver de favores e da amizade de Belazarte, este passa a fazer todas as vontades do empregado, fornecendo para Ellis mantimentos, remédios, roupas e tudo o que este viesse a pedir.

Está situação não dura muito tempo e Ellis acaba morrendo também..

Como podemos ver a história é narrada por um único foco narrativo, o de Belazarte que desejou ter um criado para sentir-se dono do mesmo.

No segundo parágrafo da história há uma fala do narrador que diz "Dinheiro faz cócega no bolso de brasileiro, enquanto não se gasta não há meio de sossegar, pois imaginei ter um criado só pra mim" [25]. Este procedimento é um ideal de burguês, retratada em Belazarte o qual desejava ter um criado para sentir-se dono.

O grande patriarca era aquele que vivia rodeado de empregados dispostos a satisfazer os seus menores desejos. Sua intenção era a de agradar e ser recompensado com um agradecimento ou com a manutenção dum emprego a quem dele buscasse. A distribuição de trabalho geralmente era feita a partir de alguns critérios. Era para os agregados e para os negros que geralmente sobravam os trabalhos mais pesados e menos remunerados.

No referido conto podemos perceber que Belazarte, mesmo tendo outra criada em sua casa, contrata um criado para ficar à sua disposição. Roberto Schwarz ao discorrer sobre paternalismo no romance da obra, *Minha vida de menina,* de Helena Morley, descreve uma cena típica de uma grande família patriarcal em que ele chama a atenção para os indícios de uma organização social:

> "Olhando melhor, notaremos já aqui os indícios da organização social, cujo espírito é diferente. Emídio, um dos meninos, é um crioulo, agregado à chácara da avó. Quem carrega a bacia de roupa em cima da cabeça é ele, ao passo que os irmãos de Helena levam as panelas em carrinho, assim como é ele quem procura a lenha, enquanto os outros caçam e pescam. Umas poucas cenas mais, e terão surgido os contornos nada igualitários da grande família patriarcal, com proprietários ricos e influentes no centro, e parentes, dependentes, afilhados, ex-escravos e desvalidos ciscando á sua volta.[26]

---

[25] ANDRADE, Mário, "Túmulo, túmulo, túmulo." In: Os Contos de *Belazarte:* Rio de Janeiro. Villa Rica. 1992, p. 71

[26] - SCHWARZ, Roberto. *Duas Meninas.* São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 51.

Está é uma situação de exploração do negro e também do trabalhador pobre, que por acreditar no mito de que é possível enriquecer as custas somente de seu trabalho muitas vezes submete-se a todo tipo de trabalho com a perspectiva de uma vida melhor. Assim aconteceu no início do século passado com o mito do conde Matarazzo, que a ideologia burguesa pregava que o mesmo havia chegado pobre ao Brasil e que ficara milionário trabalhando duro. Esta mesma ideologia o conde de Matarazzo ele pregava aos seus trabalhadores: que para ficar rico era preciso trabalhar duro e até mesmo passar por sérias necessidades.

A idéia de que a riqueza do burguês não é produto do trabalho explorado do proletariado é justificada com uma idéia de que este também, na maioria das vezes não tinha nada e conseguiu todo seu capital com fruto do seu próprio trabalho, passando muitas vezes por privações. Para legitimar esta questão o burguês é solidário com o trabalhador tornando-se amigo e não somente patrão[27]. No conto "Túmulo, túmulo, túmulo," Ellis depois de deixar a casa de Belazarte submete-se a todo tipo de trabalho com essa esperança de conseguir melhorar sua vida, No entanto, sabemos que a vida do pobre é dura e nem sempre este consegue seus objetivos Roberto Schwarz, comentando sobre a necessidade do pobre muitas vezes em viver agregado de uma família rica para não morrer indigente, diz que: " A vida honesta e independente não está ao alcance do pobre, que aos olhos dos abastados é presunçoso quando a procura, e desprezível quando desiste."[28] Ellis volta a trabalhar de faxineiro na casa de Belazarte e faz toda sorte de trabalho, não conseguido firmar-se em nenhum deles.

O sonho de Ellis era ser chofer, ganhar mais e ter uma vida independente, mas o mesmo confessou a seu patrão que não tinha dinheiro para tirar a carta de motorista. Ellis deixa o trabalho não recebendo seus direitos trabalhistas.

---

[27] MARTINS, José de Souza. "A morte do burguês mítico" In: *O Cativeiro da Terra*. 3 ed. São Paulo: Hucitec. 1986, p. 149.
[28] SCHWARZ, Roberto. "A sorte dos pobres" In: *Um Mestre na Periferia do capitalismo*. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1998, p. 101.

Este desejo de começar uma vida nova já freqüentava o sonho do operário do começo do Século XX quando Getúlio Vargas instituiu a legislação trabalhista, a qual da direito ao trabalhador dispensado sem justa causa a uma indenização, conforme comentário de José de Souza Martins: "Receber a indenização e ser mandado embora passou a ser o sonho de muitos operários".[29] com esse dinheiro o operário poderia abrir seu próprio negócio e ter uma vida melhor e independente.

Neste conto o narrador procura mostrar que a relação patrão e empregado seria feita no âmbito da amizade. Mas vemos que na maioria dos momentos prevalece a grande carga do puro patriarcalismo, em que o patrão manda e o empregado obedece. Ellis obedecia com a humildade natural dos pobres, como pode-se perceber neste trecho do conto em que o patrão chama o criado e dá-lhe uma ordem e este humildemente obedece.

> - "Ellis, me limpe isto.
> Ele vinha chegando meio encolhido e limpava. Então olho-de-babosa pousava em minha justiça, tremendo:
> - Está bom assim, seu belazarte?
> - Está. Pode ir." [30]

Este é resquício do patriarcalismo presente neste conto e que o narrador procura escondê-lo de uma maneira sutil na forma de uma possível amizade entre patrão e empregado, como, mostrada nesta fala em que Belazarte faz uma reflexão sobre seu empregado: "No sentido de criado moral, Ellis foi sublime. De inteira confiança, discreto, e sobretudo amigo". [31] No entanto esta amizade só é mostrada pelo ponto de vista do narrador Belazarte e não pelo ponto de vista de Ellis.

---

[29] MARTINS, 1986. Op. Cit. p. 148
[30] ANDRADE, 1992. Op. Cit. p. 73
[31] Idem, p. 72

Isto é demostrado no trecho citado abaixo, onde Belazarte está fazendo uma narração sobre o sofrimento de Ellis na ocasião da morte de Dora, sua mulher. E assim Belazarte justifica a amizade entre os dois:

> Dora ia fazer muita falta física pra ele, como é que havia de ser agora com os desejos? Isso é que está me parecendo foi o sofrimento perguntado por Ellis. E pra decidir duma vez a indecisão, ele vinha pra mim cuja amizade compensava. E seria mesmo amizade? Aqui nem a gente pode saber mais, de tanto que os interesses se misturavam no gesto, e determinavam a fuga de Ellis, pra junto de mim. Eu era amigo dele, não tinha duvida,(...) ... e quem diz que na amizade também não existe esse jogo de interesse de ajutório?... Existe, só que mais bonito que no amor, porque interesse está longe do corpo, é mistério da vida silenciosa espiritual. Depois, amor ... É inútil os pernósticos estarem inventando coisas atrapalhadas pra encherem o amor de trezentas auroras-boreais: ou caem no domínio da amizade, que também pode existir entre bigodes e seios. [32]

A amizade descrita por Belazarte seria muito bonita se não tivesse um interesse maior por trás disso. Se era somente amizade porque Belazarte não gostou quando Ellis disse que gostaria de ser chofer. Fato este demonstrado claramente neste trecho: "Secretamente eu achava que ele devia só pensar em ser meu criado".[33] O grande interesse de Belazarte era manter Ellis como seu criado, já que desde o início da história Belazarte diz querer um criado só para ele. A amizade entre patrão e empregado é pautada por um jogo de interesse da parte de Belazarte porque o mesmo se considerava superior. E nessa diferença de classes sociais que podemos perceber que a amizade entre eles não passava da esfera do trabalho, ou melhor da obediência da parte do empregado. Se fosse mesmo uma amizade teria que ser reconhecida pela duas partes, haja vista que, se existe amizade esta não poderia ser unilateral.

Belazarte procura não misturar sua vida particular com a de seu criado, apesar de dizer-se amigo de Ellis. Esta é uma questão de diferença social entre patrão e empregado, o

---

[32] ANDRADE, Mário de. Op. Cit. 1992. p. 77

patrão mesmo achando que o empregado é um amigo não senta à mesa junto com o mesmo para fazerem as refeições. Neste aspecto não há mistura e cada um tem seu mundo a parte. Neste conto podemos observar esta separação de classe social na ocasião em que a mãe de Belazarte convida a família de Ellis para comer doce em sua casa, por ocasião do batizado do filho de Ellis. Belazarte fazendo uma narração a este respeito diz:

> Batizado fatigante. Não paga a pena a gente imaginar que todos somos iguais, besteira! Mamãe, por causa da muita religião, imagina que somos. Inventou de convidar Ellis, mãe e tutti quanti pra comer um doce em nossa casa vieram, foi um ridículo oprimente pra nós superiores, e oprimente pra eles os desinfelizes. Estavam esquerdos, cheios de mãos, não sabendo pegar na xicra. E eu então! Qualquer gesto que a gente faz, pegar no pão, na bolacha, pronto: já é diferente pôr classe da maneira, igualzinha muitas vezes, com que o pobre pega nessas coisas. Parece lição. A gente fica temendo rebaixar o outro e também já não sabe pegar na xicra mais [34]

A desigualdade social entre patrão e empregado fica evidente quando Belazarte diz: "Foi um ridículo oprimente para nós os superiores,(...)" [35] Partindo destas palavras de Belazarte é possível perceber que a amizade que o mesmo diz ter para com Ellis não passa de puro interesse pelo serviço e obediência que este presta-lhe.

Portanto, não trata-se de uma afetividade desinteressada como é percebida em um primeiro momento no conto, onde Belazarte fala de sua amizade por seu criado como uma coisa pura, como quando está fazendo uma relação entre o amor de Ellis e sua mulher Dora e a amizade entre eles, Belazarte e Ellis, Belazarte, então, comenta:

---

[33] ANDRADE, Mário. 1992. Op. Cit p. 75
[34] Idem, *p. 78.*
[34] Ibidem, p.78

> Amor quando enxerga defeito no objeto amado, cega: "não faz mal!" mas o amigo sente: "Eu perdôo você". Isso é que e sublime no amigo, essa repartição contínua de si mesmo, coisa humana profundamente, que faz a gente viver duplicado, se repartindo num casal de espíritos amantes que vão, feito passarinhos de vôo baixo, pairando rente ao chão sem tocar nele...

É que a possível amizade entre os dois nada mais é que uma atitude paternalista da parte de Belazarte, pois quando Ellis manda chamar por Belazarte nos momentos finais de sua vida, este vai ao seu encontro, não sem antes reclamar do medo da doença de Ellis-a "tísica". Quando está ao lado do moribundo assume outra vez o papel de senhor patriarcal, o qual manda e deseja que seja obedecido quando Belazarte está tentando fazer com que Ellis o escute e que abra os olhos, Belazarte toca Ellis e fala: - Ellis! Sou eu, Ellis!... Sossegue que já cheguei, ouviu! Estou juntinho de você, ouviu!... Ellis![36]

Ellis abre os olhos e torna a fecha-los. Então Belazarte insiste, até que Ellis volta a abrir os olhos, num último esforço. Belazarte interpreta o fato como mais uma obediência, como podemos perceber nesta fala em que o narrador comenta: "Ellis me obedecia ainda com esse olhar. Fosse por amizade, fosse por servilismo, obedeceu."[37]

Além destes fatos por nós citados ainda é possível percebermos mais alguns fatos relacionadas com o patriarcalismo Belazarte ao narrar o dia do batizado do filho de Ellis, conta que, pela sua vontade a criança seria batizada com o nome de Benedito que ele diz "ser nome abençoado de todos os escravos sinceros"[38], porém, o menino acaba por receber nome que era da preferência da mãe, e que Belazarte define assim: "Acabamos carimbando o desgraçadinho com o título de Luis"[39].

---

[36] Idem, p. 80
[37] Idem, p. 81
[38] Idem, p. 77
[39] Idem, p. 77

Como podemos ver as atitudes de Belazarte estavam centradas numa ideologia de escravocratas que eram quem marcavam seus escravos como se fossem animais, fazendo com isso uma animalização do ser humano. Existe também uma outra passagem neste conto onde Belazarte também refere-se as pessoas da família de Ellis como se as mesmas fossem animais, quando o

mesmo diz ter ido conhecer o porão onde Ellis estava morando com seus familiares. "Todos morando no buraco de tatu."[40] Este tipo de tratamento é o mesmo que os senhores patriarcais dispensavam aos seus escravos, não tinham a menor consideração com o negro, pois o mesmo que tinha um tratamento semelhante ao dispensado aos animais por seus senhores.

Durante o regime da escravidão o negro era, na verdade, tratado como objeto, como uma mercadoria que poderia ser vendida ou trocada. Joaquim Nabuco, em sua obra *O Abolicionismo,* diz que um dos argumentos que proprietários de escravos usavam em relação a libertação dos mesmo era este:

> O meu escravo vale um conto de réis, empregado nele de boa fé, ou possuído, legalmente, pelo princípio da acessão do fruto. Se tendes um conto de réis para dar-me por ele, tendes o direito de liberta-lo. Mas, se não tendes essa quantia ele continuará a ser meu escravo". [41]

Este tratamento dispensado ao escravo, na época da escravidão, não difere muito deste que Belazarte dispensou a Ellis e à sua família, o que muda é a época e o contexto social. Este tratamento não tinha nada a ver com amizade ou mesmo camaradagem, até onde podemos assimilar as falas do narrador fica para nós somente uma idéia de que o paternalismo e o patriarcalismo funciona deste modo, ou seja, voltado para e simplesmente o senhor e patrão, restando ao empregado ou ao escravo somente obedecer aquele que se considera superior, um por ter dinheiro para pagar seus os serviços contratados e o outro por ter comprado o escravo e o direito sobre ele.

---

[40] Idem, p. 76
[41] NABUCO, Joaquim, "Receios e conseqüências. Conclusão" In: *O Abolicionismo*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 156

Nossa sociedade capitalista continua funcionando desta mesma maneira. O jogador de futebol é hoje o que os escravos foram no passado, com uma diferença, recebem pelo trabalho prestado. Por outro lado seu passe geralmente pertence a um empresário ou a um clube, que dispõe do mesmo podendo vender ou emprestar este atleta a quem pagar mais por ele.

O mundo continua cheio de Ellis na pessoa dos trabalhadores que sonham em melhorar de vida através do trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos este Ensaio Monográfico percebemos que era necessário fazer em primeiro lugar um retrospecto do movimento modernista no Brasil já que o conto, que ora iríamos analisar, fazia parte deste Movimento e seu autor tinha sido um dos seus principais idealizadores.

Sabemos que o movimento modernista deu-se, principalmente, pela insatisfação de um grupo de intelectuais paulista, o qual, no início, mostrou-se irreverente participando de eventos e divulgando suas idéias sobre uma nova estética e uma total reformulação no campo das artes e das letras que acabou por deflagrar a Semana da Arte Moderna.

Um dos eventos responsáveis pela Semana da Arte Moderna realizada em 1922 em São Paulo foram as exposições de Anita Mafaltti. Uma realizada em 1914 e a outra em 1917. Este último rendeu à artísta uma crítica duríssima por parte de Monteiro Lobato, o qual escreve o famoso artigo "Paranóia ou Mistificação?" onde este mostra claramente que era contra as novas tendências artísticas. Este fato só serviu para fortalecer mais o grupo que a tempo já vinha articulando um evento para oficializar as novas tendências.

É neste ano também que Oswald conhece Mário de Andrade, o qual viria a ser o grande nome do movimento. Em 1920 os modernistas já estão organizados. Fazem reuniões nos mais variados pontos da cidade de São Paulo, um destes lugares é o ateliê de Anita Mafaltti. O grupo já é bem grande e é neste ano, também, que Mário escreve *Paulicéia desvairada*, obra que viria a ser o verdadeiro manifesto a favor das novas letras.

Em 1921, com o retorno de Graça Aranha ao Brasil, a empreitada dos jovens paulistas embala de vez. A imprensa jornalística da época teve uma grande contribuição para a divulgação de vários artigos e dos novos talentos.

Finalmente em fevereiro de 1922 acontece a Semana de Arte Moderna. Evento este que fez surgir no Brasil uma nova era na história cultural, nas artes e nas Letras, essa foi a nossa abordagem no primeiro capítulo deste ensaio.

O segundo capítulo: "Paternalismo: Uma relação de amizade?", procuramos discorrer sobre o funcionamento do discurso paternalista dentro do conto "Túmulo, túmulo, túmulo," de Mário de Andrade. Bem como da relação de amizade entre patrão empregado, procuramos, também, mostrar que nem tudo que está explícito é a verdade, pode e deve haver outras verdades escondidas, as quais só podemos ver através das mais variadas leituras dentro de uma determinada obra.

Vimos que Belazarte narrador do conto "Túmulo, túmulo, túmulo", faz uso, quase que freqüente, do discurso direto. Uma das características do narrador personagem, onde o "eu que narra identifica-se com o eu da personagem principal que vive os fatos."[42] O narrador conta uma parte de sua vida e de um criado seu, Ellis, o qual inicia sua narrativa dizendo que deseja um criado, mas que este teria que ser preto e brasileiro.

Quanto ao paternalismo, para uma melhor compreensão do assunto abordado, buscamos em primeiro lugar saber como surgiu o paternalismo no Brasil e qual sua característica. Como vimos o paternalismo, aqui no Brasil, surgiu na época da colonização com os senhores de engenho e seus escravos, e sua principal característica é baseada numa relação de poder e de autoridade. A partir deste ponto fomos mostrando como o paternalismo está funcionando dentro do conto, partindo sempre de trechos do conto. Percebemos, então, que o narrador, quando está procurando um criado para ser somente seu, porta-se como uma pessoa que pudesse ter a posse de outro ser, como acontecia na época da escravidão. Atitude bastante típica a dos senhores patriarcais.

---

[42] D'ONÓFRIO , Salvatore. "Elementos Estruturais da Narrativa" In: *teoria do texto I*. São Paulo: Ática, 1995, p. 62

O narrador procura nos mostrar, também, que entre ele e seu criado existe mais um relacionamento de amizade do que de patrão e empregado, quando diz: "Eu era amigo dele, não tinha dúvida,"[43] mas a diferença social entre ambos acaba por traí-lo quando este utiliza de um discurso paternalista bem explícito querendo mostrar sua condição de pessoa culta e dotada de boas maneiras. Em certa ocasião Belazarte lembra do convite feito por sua mãe ao seu criado e família, onde os mesmos ficaram sem saber como proceder à mesa. O narrador diz que: "Foi ridículo oprimente para nós os superiores, e deprimente para eles os desinfelizes."[44] Partindo desta fala fica claro, para nós, que a amizade entre patrão e empregado restringia-se somente quando Ellis estava servindo a Belazarte como seu criado, uma amizade, feita somente com o discurso paternalista de Belazarte e não de Ellis.

Observamos, portanto, que a relação patrão / empregado / amigo, neste conto parte de interesses totalmente diferentes. Para o patrão o ato de mandar e ser obedecido é a condição para a manutenção da relação com o mandado e obediente empregado, com isso o patrão justifica sua condição de amigo.

Este conto foi objeto de nossa análise, procuramos discutir com criticidade e sustentação teórica tal assunto, com a certeza de que não esgotamos o assunto pois entendemos que a leitura é polissêmica, possibilitando com isso novas pesquisas sobre este mesmo assunto.

---

[43] ANDRADE, Op. Cit. 1992. p. 77
[44] Idem, p. 78

## BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Mário de. "Túmulo, túmulo, túmulo." In: *Os Contos de Belazarte*. 8.ed. Rio de Janeiro:
Villa Rica, 1992.

_____." Do Cabotinismo." In: *O Empalhador de Passarinho.* 3.ed. São Paulo: Martins; Brasília, INL, 1972.

_____. " O Poço." In: *Contos Novos*. São Paulo: Klick, 1997.

_____. *Paulicéia desvairada.* São Paulo: Casa Mayença, 1922.

_____. "O Movimento Modernista". In: *Aspectos da Literatura Brasileira.* 5.ed. São Paulo: Martins, 1974.

_____. *Poesias Completas.* 5.ed. São Paulo: Martins, 1979.

BENJAMIM, Walter. "O Narrador Considerações Sobre a Obra de Nicolai Lescov". In: *Magia e e Técnica, Arte e Política.* 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Alfredo. "O Modernismo: um clima estético e psicológico." In: *História Concisa da Literatura Brasileira.* 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

BUENO, Raquel Illescas. *Belazarte me Contou:* Um estudo de contos de Mário de Andrade. 1992. 159 f. [Dissertação de Mestrado] - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade* - estudos de teoria e história literária. 5.ed. São Paulo: Nacional, 1976.

COUTINHO, Afrânio. "A Era Moderna." In: *A Literatura no Brasil.* 4. Ed. São Paulo: Global, 1997

D'ONOFRIO, Salvatore. "Elementos Estruturais da Narrativa." In: *Teoria do Texto I.* São Paulo: Ática, 1995.

*Dicionário Compacto da Língua Portuguesa.* / ROSA, Ubiratan. Coordenação ; OLIVEIRA, Ana Tereza Pinto de e NIGRO, Irene Catarina. equipe de atualização e revisão. - 1.ed. São Paulo: Rideel, 1993.

FREIRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala.* 30.ed. Rio de Janeiro: Record, 1995. p. "3 - 54"

LOPES, Telê Ancona. "Prefácio". In: *Os Contos de Belazarte*. 8.ed. Rio de Janeiro: Villa Rica, 1992.

MARTINS, José de Souza. "A Morte do Burguês Mítico." In: *O Cativeiro da Terra.* 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

NABUCO, Joaquim. "Receio e Conseqüência - Conclusão." In: *O Abolicionismo.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

SCHWARZ, Roberto. "A Carroça, O Bonde e o Poeta Modernista". In: *Que Horas São?* 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. "Conto e Causo." In: *Ao Vencedor as Batatas.* 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1992.

_____. *Duas Meninas.* São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. "A Sorte dos Pobres." In: *Um Mestre na Periferia do Capitalismo.* 3.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

# ANEXO

# V

# Túmulo, túmulo, túmulo

# (1926)

Belazarte me contou:

Caso triste foi o que sucedeu lá em casa mesmo... Eu sempre falo que a gente deve ser enérgico, nunca desanimar, que se entregar é covardia, porém quando a coisa desanda, mesmo, não tem vontade não tem paciência que faça desgraça parar.

Um tempo andei mais endinheirado, com emprego bom e inda por cima arranjando uns biscates por ai, que me deixavam viver à larga. Dinheiro faz cócegas em bolso de brasileiro, enquanto não se gasta não há meios de sossegar, pois imaginei ter um criado só pra mim. Achava gostoso esses pedaços de cinema: o dono vai saindo, vem o criado com o chapéu e bengala na mão, "Prudêncio, hoje não bóio em casa, querendo sair, pode. Té logo". "Té logo seu belazarte."

Veio um criado mas eu não simpatizava com ele não. Sei lá si percebeu? Uma noite pediu a conta e dei graças. Levei uns pares de dias assim, até que indo ver uns terrenos longe, estava no mesmo banco do bonde um tiziu extraordinário de simpático. Que olhos sossegados! Você não imagina. Adoçavam tudo que nem verso de Rilke. Desci matutando, vi os terrenos, peguei o mesmo bonde que voltava. Instinto é uma curiosidade: quando o condutor veio cobrar a passagem e percebi que era o mesmo da ida, tive a certeza que o negrinho havia de estar no carro. Olhei pra trás, pois não é que estava mesmo! Encontrei os olhos dele, dito e feito: senti uma doçura pôr dentro, uma calma lenta, pensei: está ai, disso é que você carece pra criado. Mudei de banco e meio juruviá puxei conversa:

- Me diga ùa coisa, você não sabe pôr acaso de algum moço que queira ser meu criado? Mas quero brasileiro e preto.

Riu manso, apalpando a vista com a pálpebra. Me olhou, respondendo com voz silenciosa, essa mesma de gente que não pensa nem viveu passado:

- Tem eu sim senhor. O senhor querendo...

- Eu, eu quero sim, porque não havia de querer? Quanto você pede? Etc. E ele entrou pro meu serviço.

Quando indaguei o nome: dele, falou que chamava Ellis.

Ellis era preto, já disse... mas uma boniteza de pretura como nunca eu tinha visto assim. Como linhas até que não era essas coisas, meio chato, porém aquela cor elevava o meu criado a um tipo de beleza da raça tizia. Com dezenove anos sem nem um pedacinho de barba, a epiderme de Ellis era um esplendor. Não brilhava mas não brilhava nada mesmo! Nem que ele estivesse

trabalhando pesado, suor corria, ficava o risco da gota feito rastinho de lesma e só. Bastava que lavasse a cara, e pronto: voltava o preto opaco outra vez. Era doce, aveludado o preto de Ellis... A gente se punha matutando que havia de ser bom passar a mão naquela cor humilde, mão que andou todo o dia apertando passe-bem de muito branco emproado e filho-da-mãe. Ellis trazia o cabelo sempre bem roçado, arredondando o coco. Pixaim fininho, tão fofo que era ver piri de beira rio. Beiço, não se percebia, negro também. Só mesmo o olhar amarelado, cor de ólio de babosa, é que è uqe descansava no meio daquela igualdade perfeita, É verdade que os dentes eram branco, mas isso raramente se enxergava, porque Ellis tinha um sorriso apenas entreaberto. Estava muito igualado com o movimento da miséria pra andar mostrando a gengiva s cada passo. A gente tinha impressão de que nada o espantava mais, e que Ellis via tudo preto, o mesmo preto exato da epiderme.

Como criado, manda a justiça contar que ele não foi inteiramente o que a gente está acostumado a chamar se criado bom. Não é que fosse ruim não, porém tinha seus carnegões, moleza chegou ali, e parou. Limpava bem as coisas mas levava uma vida pra limpar essa janela. E depois deu de sair muito, não tinha noite que ficasse em casa. Mas no sentido de criado moral, Ellis foi sublime. De inteira confiança, discreto, e sobretudo amigo. Quando eu asperejava com ele, escutava tudo com um desaponto que só vendo. Sei que eu desbaratava, ia desbaratando, ia ficando sem assunto para desbaratar, meio com dó daquele tão humilde que, a gente percebia, não tinha feito nada pôr mal. Acabava sendo eu mesmo a discutir comigo:

- Sei bem que de tanto lavar copo vem um dia em que um escapole da mão... está bom, veja si não quebra mais, oviu?

- Sei, seu belazarte.

E ficava esperando, jururu que fazia dó. Eu é que encafifava. Com aquele olho de pomba me seguindo, arrulhando pelo meu corpo numa bulha penarosa de carinho batido, eu nem sabia o que fazer. Pegava numa gravata, reparando que tinha pegado nela só pra gesticular, largava da gravata, arranja cabelo, arranjanão-sei-o-que, acabava sempre descobrindo poeira na roupa, ùa mancha, qualquer coisa assim:

- Ellis, me limpe isto.

Ele vinha chegando meio encolhido e limpava. Então olho-de-babosa pousava em minha justiça, tremendo:

- Está bom assim seu belazarte?

- Está. Pode ir.

Ia. Porém ficava rondando. Mesmo que fosse lá no andar térreo trabalhar, me levava no pensamento, ia imaginando um jeito de me agradar. E não tinha mais parada nos agradinhos discretos enquanto eu não ria pra ele. Então gengiva aparecia. Quando chegava de noite já sabe, vinha pedindo pra ir no cinema, eu tinha pena, deixava. E quantas vezes ainda não acabei dando dinheiro pro cinema!

Nesse andar è lógico que eu mesmo estava fazendo arte de ficar sem criado foi o que sucedeu. Ellis tomou conta de mim de duma vez. Piorar, piorou não, mas já estava difícil de dizer quem era o criado de nóis dois. Sim, porque, afinal das contas quem que é o criado? Quem serve ou quem não pode mais passar sem o serviço, digo mais, sem a companhia do outro?

- Ellis, você já sabe ler?... Uhm... acho que vou ensinar francês pra você, porque si um eu for pra Europa, não vou sem você.

- Si seu Belazarte for, eu vou também.

Sempre com o mesmo respeito. Às vezes eu chegava em casa sorum-bálico, moído com trabalheira do dia, Ellis não falava nada, nem vinha com amolação, porém não arredava pé de mim, descobrindo o que eu queria pra fazer. Foi uma dessas vezes que escutei ele falando no portão pra um companheiro:

- hoje não, que seu Belazarte carece de mim.

Até achei graça, E principiei verificando que aquilo não tinha jeito mais, Ellis não trabalhava. Estava tomando um lugar muito grande na minha vida. Pois então vamos fazer alguma coisa pelo futuro dele, decidi. Entretanto os dois numa explicação que me abateu, por causa dos sentimento desencontrados que me percorreram. Ellis me confessou que pensava mesmo em ser chofer, mas não tinha dinheiro pra tirar a carta. Tive ciúmes, palavra. Secretamente eu achava que ele devia só pensar em ser meu criado. Mas venci o sentimento besta e falei que isso era o de menos, porque eu emprestava os cobres. Só que não pude vencer a fraqueza e, com pretexto de esclarecer, ajuntei:

- Você pense bem, decida e volte me falar. Chofer é bom, dá bem, só que é ofício perigoso e já tem muito chofer pôr ai. Muita vezes a gente imagina que faz um giro e faz mais é um jirau. Enfim, tudo isso é com você. Já falei que ajudo, ajudo.

Foi então que ele me confessou que precisava ganhar mais porque estava com vontade de casar.

- Ellis, mas que idade você tem, Ellis!

- Dezenove, sim senhor.

- Puxa! E você já quer casar!

Deu aquele sorriso entreaberto, sossegado:

- Gente pobre carece casar cedo, seu Belazarte, sinão vira que nem cachorro sem dono.

Não entendi logo a comparação. Ellis esclareceu:

- Pois é: cachorro sem dono não vive comendo lixo dos outros?...

Meio que me despeitava também, isso do Ellis gostar de mais outra pessoa que do patrão, porém já sei me livrar com facilidade destes egoísmos. Perguntei quem era a moça.

- É tizia que nem eu mesmo, seu Belazarte. Se chama Dora.

Encabulou, tocando na namorada. Falei mais uma vez pra ele pensar bem no que ia fazer e me comunicasse.

Dias depois ele veio:

- Seu Belazarte... andei matutando no que o senhor me falou, semana atrás...

- Resolveu?

- Pois então a gente pode fazer uma coisa: espero o dia-dos-anos do senhor e depois saio.

Tive um despeito machucando. Decerto fui duro:

- está bom, Ellis.

Não se mexeu. Depois de algum tempo, muito baixinho:

- Seu Belazarte...

- O que é.

- Mas... seu Belazarte... eu quero sair pôr bem da casa do senhor... até a Dora me falou que...me falou que decerto o senhor aceitava ser nosso padrinho...

Custou ele falar de tanta comoção. Olhei pra ele. Ólio de babosa destilava duas lágrimas negras no perfume liso. Me comovi também.

- Sai pôr bem, é lógico! Não tenho queixa nenhuma de você.

- Quando o senhor quiser alguma coisa, me chame que eu venho fazer. O senhor foi muito bom pra mim...

- Não fui bom, Ellis, fui como devia porque você também foi direito.

Botei a mão no ombro dele pra sossegar o comovido soluçante, estava engasgado o pobre! Sem esperar, rápido, virou a cara de lado, encolheu o ombro, beijou minha mão, partiu fechando a porta.

Já me sentava outra vez, pensando naquele beijo que fazia minha mão tão recompensada pôr toda a humanidade, a porta abriu de leve. E ele, não se mostrando:

- Seu Belazarte, o senhor não falou que aceitava...

Até me ri.

- Aceito, Ellis! Quando você casa?

- Si arranjar licença logo, caso no 8 de dezembro, sim senhor, dia da Virgem Maria.

Não me logrou porém logrou a Virgem Maria. Saiu de casa dias depois do meu aniversário, e nem bem dona república fez anos, casou com a Dora, num dia claro que parecia querer durar a vida inteira. Cheguei do casamento com uma felicidade artística dentro de mim. Você não imaginou que coisa mais bonita. Ellis e Dora juntos! Mulatinha lisa, lisa, cor de ouro, isto é, cor de ólio de babosa, cor de olhos de Ellis! E nos olhos então todo esse perfume impossível que o medo põe na cor do mato à noite. Você decerto que já reparou. A gente vê uns olhos de menina boa e jura: "Palavra que nunca vi olho tão preto", vai ver? quando muito olho é da cor de fumo de Mapingui. É o receio da gente que bota escureza nos olhos desses nossos pecados...Que gostosa a Dora! Era uma pretarana de cabelo acolchoado e de corpo de potranquinha independente. Tinha um jeito de não querer, muito fiteiro, um dengue meio fadigado oscilando na brisa, tinha uma fineza de S espichado, que fazia ela parecer maior do que era, uma graça flexível!... Nem sei bem o que é que o corpo dela tinha, só sei que espantava tanto o desejo da gente, que desejo ficava de boca aberta, extasiado, sem gesto, deixando respeitosamente ela passar por entre toda a cristandade... Dora linda!

Ellis desapareceu uns meses e me esqueci dele. A vida é tão bondosa que nunca senti falta de ninguém. Reapareceu. Foi engraçado até. Me levantei tarde, desci pra beber meu mate, Ellis, no rol encerando.

= Bom dia, seu Belazarte.

- Ué! que você está fazendo aqui!

- Dona Mariquinha me chamou pra limpar a casa.

- Mas você não está trabalhando então!

- Trabalho, sim senhor, mas a vida anda mesmo dura, seu Belazarte, a gente carece de ir pegando o que acha.

A fúria de casar borrara os sonhos do chofer. Vivia de pedreiro. Mamãe encontrou com ele e se lembrou de dar esse dinheiro semanal pro mendigo quase. Um Ellis esmulambado todo sujo de cal. Dora andava com muito enjôo, coisa do filho vindo. Não trabalhava mais. Ellis com pouco serviço. Estava magro e bem mais feio. De repente uma semana não apareceu. Que é, que não é, afinal veio uma conhecida contar que Ellis tinha adoecido de resfriado, estava tossindo muito, aparecendo uns caroços do lado da cara. Quando vi ele até assustei, era um caroção medonho, parecendo abcesso. Foi no dentista, não sei... dentista andou engabelando Ellis um sem-fim de tempo, começou aparecendo novo caroço do outro lado da cara. Mamãe imaginou que era anemia. Mandamos Ellis no médico de casa, com recomendação. Resultado: Estava fraquíssimo do peito e si não tomasse cuidado, bom!

Calvário começou. Ele não sabia o que havia de fazer, eu também não podia estar recolhendo dois em casa. Inda mais doentes! Vacas magras também estavam pastando no meu campo nesse tempo... Foi uma tristeza. Ellis andou de cá pra lá, fazendo tudo e não fazendo nada. Mandou buscar a mãe, que vivia numa chacrinha emprestada em Botucatu, foram morar todos na lonjura da Casa Verde, diz que pra criar galinha e pôr causa do ar bom. Não arranjaram nada com as galinhas e nem com os ares. Vieram pra cidade outra vez. Foram morar perto de casa, num porão, depois eu vi o porão, que coisa! Todos morando no buraco de tatu. Ellis, Dora, a mãe dele e mais dois gafanhotinhos concebidos de passagem.

Ellis voltara pra pedreiro, encerava nossa casa e outras que arranjamos, andou consertando esgotos, depois na companhia de Gás... Não tinha parada, emagrecendo, não se descobriu remédio que acabasse inteiramente com os caroços.

Meio rindo, meio sério, nem eram bem sete da manhã, um dia apareceu contando que era pai. Vinha participar e:

- Seu Belazarte, vinha também saber si o senhor queria ser padrinho do tiziu, o senhor já esta servindo de meu tudo mesmo.

Falei que sim, meio sem gostar nem desgostar, estava já me acostumando. Deu vinte mil réis. Mamãe que era a madrinha, andou indo lá no porão deles, arranjando roupas de lã pro desgraçadinho novo.

Nem semana depois, chego em casa e mamãe me conta que Dora tinha adoecido. Pedi pra ela ir lá outra vez, ela foi. Mandamos médico. Dora piorou do dia pra noite, e morreu quem a gente menos imaginava que morresse. Número um.

Agora sim e a criança? É verdade que a mãe de Ellis tinha inda filho de peito, desmamou o safadinho que já estava errando língua portuguesa, e o leite dela foi mudando de porão.

O dia do batizado, sofri um desses desgostos, fatigantes pra mim que vivo reparando nas coisas. Primeiro quis que o menino se chamasse Benedito, nome abençoado de todos os escravos sinceros, porém a mãe do Ellis resmungou que a gente não devia desrespeitar vontade de morto, que Dora queria que o filho chamasse Armando ou Luiz Carlos. Então pus autoridade na questão e cedendo um pouco também, acabamos carimbando o desgraçadinho com o título de Luiz.

Havia muita lembrança de Dora naquilo tudo, há só dois dias que ela adormecera. Fizemos logo o batizado porque o menino estava muito aniquiladinho.

Engraçado o Ellis... Até hoje não me arrisco a entender bem qual era o sentimento dele pela Dora. Quando veio me comunicar a morte da pobre, até parecia que eu gostava mais dela, com este meu jeito de ficar logo num pasmo, sucedendo coisa triste.

- Dora morreu, seu Belazarte.

- Morreu, Ellis!

Nem posso explicar com quanto sentimento gritei. Ellis também não estava sossegado não, mas parecia mais incapacidade de sofrer que tristeza verdadeira. O amarelão dos olhos ficara rodeado dum branco vazio, Dora ia fazer falta física pra ele, como é que havia de ser agora com os desejos? Isso é que está me parecendo foi sofrimento perguntado do Ellis. E pra decidir duma vez a indecisão, ele vinha pra cuja amizade compensava. E seria mesmo por amizade? Aqui nem a gente pode saber mais, de tanto que os interesses se misturavam no gesto, e determinavam a fuga de Ellis pra junto de mim. Eu era amigo dele, não tinha dúvida, porém numa ocasião como aquela não é muito de amigo que a gente precisa não, é mais de pessoa que saiba as coisas, e havia de arranjar um jeito de acomodar a interrogação.

... e quem diz que na amizade também não existe esse interesse de ajutório?... Existe, só que mais bonito que no amor, porque interesse está longe do corpo, é mistério da vida silenciosa espiritual. Depois, amor... É inútil os pernósticos estarem inventando coisas atrapalhadas pra encherem o amor de trezentas auroras boreais, ou caem no domínio da amizade, que também pode existir entre bigode e seios, ou então principiam subtilizando os gestos físicos do amor,

caem na bandalheira. Observando, feito eu, amor sem educação, a gente percebe mesmo que nele não tem metafísica: uma escolha proveniente do sentimento que a babosa recebe de um corpo estranho, e em seguida furrum-fum-fum. A força do amor é que ele pode ser ao mesmo tempo amizade. Mas tudo o que existe de bonito nele, não vem dele não, vem da amizade grudada nele. Amor quando enxerga defeito no objeto amado, cega: "não faz mal! "Mas o amigo sente: "Eu perdôo você". Isso é que é sublime no amigo, essa repartição contínua de si mesmo, coisa humana profundamente, que faz a gente viver duplicado, se repartindo num casal de espíritos amantes que vão, feito passarinhos de vôo baixo, pairando rente ao chão sem tocar nele...

Dora era corpo só. E uma bondade inconsciente. Eu não tinha corpo mas era protetor. E principalmente era o que sabia as coisas. Desta vez amor não se uniu com amizade: o amor foi pra Dora, a amizade pra mim. Natural que o Ellis procedesse dessa forma, sendo um frouxo.

Batizado fatigante. Não paga a pena a gente imaginar que todos somos iguais, besteira! Mamãe, pôr causa da muita religião, imagina que somos. Inventou de convidar Ellis, mãe e tutti quanti pra comer um doce em nossa casa vieram, foi um ridículo oprimente pra nós superiores, e oprimente pra eles os desinfelizes. Estavam esquerdos, cheios de mãos, não sabendo pegar na xicra. E eu então! Qualquer gesto que a gente faz, pegar no pão, na bolacha, pronto: já é diferente pôr classe da maneira, igualzinha muitas vezes, com que o pobre pega nessas coisas. Parece lição. A gente fica temendo rebaixar o outro e também já não sabe pegar na xicra mais. Custei pra inventar umas frases engraçadas, depois reparei que não tinham graça nenhuma pôr causa da Dora se dependurando nelas, não deixando a graça rir. De repente fui-me embora.

Não levou nem semana, o desgraçadinho pegou mirrando mais, mirrando e esticou. Número dois.

Ellis nem pode tratar do enterro. Não é que estivesse penando muito mas o caroço tinha dado de crescer no lado esquerdo agora. Na véspera tivera vertigem, ninguém sabe pôr quê junto filho morrendo. Foi pra cama com febrão de quarenta-e-um no corpo tremido.

Era a tuberculose galopante que, sem nenhum respeito pelas regras da cidade, estava fazendo cento-e-vinte pôr hora na raia daquele peito apertado. Quando Ellis soube virou meu filho duma vez. Mandava contar tudo pra mim. Mas não sei pôr que delicadeza sublime, por que invenção de amizade, descobriu que não me dou bem com a tísica... O certo é que nunca me mandou pedir pra ir vê-lo. Fui. Fui, também uma vez só de passagem, falando que estava na hora de ir pro trabalho. Mas não deixei faltar nada pra ele. Nada do que eu podia dar, está claro, leite de vacas magras.

Durou três meses, nem isso, onze semanas em que parece foi feliz. Sim, porque virara, e talvez pela primeira vez na vida, inventava essas pequenas faceirices com que a gente negaceia o amor daqueles pôr quem se sabe amado. Mantimento, remédio, roupa, tudo minha mãe é que providenciava pra ele, conforme desejo meu. Pois de sopetão vinha um pedido engraçado, que Ellis queria comer sopa da minha casa, que si eu não podia mandar pra ele ùa meia igualzinha aquela que usara no batizado do desgraçadinho, com lista amarela, outra roxa até em cima... Uma feita mandou pedir de emprestado a almofada que eu tinha no meu estúdio e que, ele mandou dizer, até já estava bem velha. É lógico que almofada foi, porém dadinha duma vez.

Da minha parte era tudo agora gestos mecânicos de protetor, meu Deus! Como a vida esperada se mecaniza... Não sei... Ellis creio que não, mas eu já fazia muito que estava acostumado a sentir Ellis morto. E aquela espera da morte já pra mim era bem ùa morte longa, um andar na gandaia dentro da morte, que não me dava mais que uma saudade cômoda do passado. Era amigo dele juro, mas Ellis estava morto, e com a morte não se tem direito de contar na vida viva. Ele, isso eu soube depois, ele sim, estava vivendo está morte já chegada, numa contemplação sublime do passado, única realidade pra ele. Dora tinha sido uma função. A vida prática não fora sinão comer, dormir, trabalhar. No que se agarraria aquele morto em férias! Em mim, é lógico. Isso eu soube depois... levava o dia falando no amigo. E todos aquelas faceirices de pedidos e vontadinhas de crianças, não passavam de jeitos de se recordar mais objetivamente de mim. De se aproximar de mim, que não ia vê-lo.

Cheguei em casa pra almoçar, a mãe do Ellis viera dizer que ele estava me chamando, não gostei nada. Si agora ele principiava pedindo mais isso, eu que tenho um bruto horror de tísica... Enfim mandei a criada lá que depois do almoço ia.

Quando cheguei na porta, os uivos da mãe dele me deram a notícia inesperada. Sim, inesperada, porque já estava acostumado a ficar esperando e perdera a noção de que o esperado havia mesmo de vir. Entrei. Estavam uma italianona vermelha de tanto choro pôr tabela e dois tizius fumando.

- Morreu!

- Ahm, su beladzarte, tanto que o povero está chamando o sinhore!

- Mas já morreu, é!

- Que esperandza! Desde manhãzinha está cham...

- Onde ele está? Um dos tizius.

- Está lá dentro, sim senhor.

Jogou o cigarro e foi mostrando caminho. Segui atrás.

Pulei pôr cima dos uivos saindo duma furna que nunca viu dia, e lá numa sala mais larga, com entrada em arco sem porta dando pro quintal interior, num canto invisível, chorava uma vela, era ali. Ellis vasquejava com as borlas dos caroços dependurados pros lados, medonhos de magro. Estava morrendo desde manhã, sempre chamando pôr mim.

- Mas pôr que não me avisaram!

Eram não sei quantas vezes que agarravam a vela nas mãos dele já em cruz, pra sempre fantasiadas de morte. De repente soluço parava. O moribundo engulia em seco e pegava chamando outra vez. Afinal parara de chamar fazia mais de hora. Parece que a coisa estava chegando. Falei baixo, sem querer me acomodando com o silêncio da morte:

- Ellis!...ôh Ellis!

Nada. Só o respiro serrando na madeira seca da garganta. Os outros me olhavam, esperando o bem que eu ia fazer pro coitado. Até parecia que o importante ali era eu. Insisti, lutando com a amizade da morte, mais uniforme que a minha. Com mentira e tudo, até me parece que eu insistia mais pra vencer a predominância da morte, e aqueles assistentes não me verem perder numa luta. Botei a mão na testa morna de Ellis, Havia de me sentir.

Ellis! Sou eu, Ellis!... Sossegue que já cheguei, ouviu! Estou juntinho de você; ouviu!... Ellis!

O soluço parou.

- Pronto! Ansim que está fatchendo desde de manhan, ô povero!... Tira áa vela, Maria

- Deixa a vela, ôh Ellis!

Ellis abriu as pálpebras, principiou abrindo, parecia que não parava mais de abrir, ficaram escancaradas mas ólio de babosa não vê que escorrendo mais! Pupilas fixas, retas, frechando o teto preto. Pus minha cara onde elas me focalizassem.

- Estou aqui, Ellis! Não tenha medo! você está me enxergando, hein!

- Está sim seu Belazarte. Viu! desde de manhã que está de olho fechado. Ele queria muito be... bem o senhor! também... também o senhor tem sido muito bom pro coitado... de meu filho, ai!... aaai! meu filho está morrendo, ahn! ahn, ahn!...

- Ellis! você está precisando de alguma coisa, hein! Eu faço!

A gelatina me recebia sem brilhar. As pálpebras foram cerrando um bocado. Instintivamente apressei a fala, pra que os olhos inda recebessem meu carinho:

- Eu faço tudo pra você! não quero que te falte nada, ouviu bem!

Os olhos se esconderam de todo com muita calma.

- Meu filho morreu! ai, ai!...Aaai!...

Tive um momento de desespero porque Ellis não dava sinal de me sentir. Insisti mais, ajoelhando junto da cama.

- Ora, o que é isso, Ellis!...

- Ahan... só falava no senhor, ahn... ontem mesmo disse pra mim, ahan, que, ahn, melhorando cavava um poço... fundo, aáin... pra enterrar todos os mi... micróbios pra depois, pedir pra morar, ahn... no porão da casa do senhor... aai!

- Levem ela! não vale a pena ele estar escutando esse choro!

Transportaram os uivos. Estaria escutando ainda? Insisti numa esperança exacerbada pela anedota da negra, sem querer, perverso, voz pura, doce de carícia:

- Ellis você não me responde mesmo!

Abriu um pouco os olhos outra vez. Me via!

... foi tão humilde que nem teve o egoísmo de sustentar contra mim a indiferença da morte. O olhar dele teve uma palpitação fraca pra mim. Ellis me obedecia ainda com esse olhar. Fosse pôr amizade, fosse pôr servilismo, obedeceu. Isso me fez confundir extraordinariamente com os manejos da vida, a morte dele. Desapareceu mistério, fatalidade, tudo o que havia de grandioso nela. Foi ùa morte familiar.

Foi ùa morte nossa, entre amigos, direitinho aquele dia em que resolvemos, meu aniversário passado, ele ir buscar o casamento e choferagem de ganhar mais.

Cerrava os olhos calmo. Pesei a mão no corpo dele pra que me sentisse bem. Ao menos assim, Ellis ficava seguro de que tinha ao pé dele o amigo que sabia as coisas. Então não o deixaria sofrer. Porque sabia as coisas...

Número três.